

Quinalia, Rineu

Leopardi: Preâmbulo de vulgarização ao Manual de Epicteto

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

GIACOMO LEOPARDI
PREÂMBULO DA VULGARIZAÇÃO AO MANUAL DE EPICTETO
Tradução publicada em AFC, vol. VII

Tradução e adaptação de Rineu Quinalia
Doutorando em Filosofia - UFSCar

NOTA INTRODUTÓRIA

Leopardi intensificou seu contato com a filosofia antiga entre o final do ano de 1822 até o final de 1823, um período de grande leituras, no qual travou contato com os diálogos platônicos (janeiro-julho de 1823) e leu pela primeira vez o *Manual* de Epicteto (entre novembro de 1822 e abril de 1823), período no qual seus estudos platônicos foram progressivamente substituídos por estudos de filosofia prática, sobretudo o Estoicismo Imperial, quando foi composto o *Manual de Epicteto*. Leopardi completou sua versão de vulgarização do *Manual* em 1825 em duas semanas, de 22 de novembro a 6 de dezembro de 1825, pouco depois das suas traduções das *Pequenas obras morais de Isócrates*. Para Leopardi, o texto de Isócrates e o de Epicteto deveriam constituir o primeiro e o segundo pequeno volume de uma coleção dedicada aos *Moralistas gregos*, projeto que jamais se efetivou. Seu editor, Antônio Fortunato Stella, após adiar diversas vezes sua publicação devido à censura milanesa, retornou o manuscrito a Leopardi, em 1830. Daí ser a vulgarização uma obra póstuma, publicada na edição florentina das *Obras leopardianas*, organizada por Ranieri, em 1845. Na carta ao editor, composta nos primeiros dias de fevereiro de 1826, Leopardi declarou seu apreço pelo trabalho: “todos os dias me levantava da cama para revisá-lo com precisão – confesso que estou muito satisfeito com o resultado, procurei ser o mais preciso possível”.

Quinalia, Rineu

Leopardi: Preâmbulo de vulgarização ao Manual de Epicteto

PREÂMBULO DE VULGARIZAÇÃO

Suas muitas sentenças verdadeiras, sua sutileza, seus muitos preceitos extremamente úteis, além da graça e simplicidade no manuseio da palavra, fazem deste pequeno livro algo precioso.

Eu particularmente sou adepto da opinião de que a prática filosófica que daqui emerge seja se não a mais verdadeira entre tantas outras, pelo menos a mais valiosa para o uso na vida humana. É a mais cômoda para o homem, especialmente para aquelas almas não muito fortes dotadas de uma natureza ou de hábito não heroico, mas temperadas e equipadas com força mediana, ou verdadeiramente fracas, muito mais para os homens modernos do que para os antigos.

Sei que esse meu ponto de vista contrasta com a opinião universal que comumente julga que não se deve tratar do exercício da filosofia estoica, e que nem mesmo é possível pô-la em ato, excetuando-se os espíritos viris e vigorosos além da média. Substancialmente, parece-me que a efetividade da filosofia, particularmente aquela de Epiteto, não reside, como se diz, na força da razão, mas na fraqueza do homem. Analogamente, o uso e a utilidade dessa assim chamada filosofia pertence mais propriamente a esta que àquela qualidade humana. Visto que não é outra coisa a tranquilidade da alma querida por Epiteto acima de qualquer coisa senão aquele estado livre das paixões, desocupar o pensamento com coisas externas, mas somente aquilo que chamamos de frieza de espírito¹, praticar o desinteresse, querer para a si a indiferença. A utilidade dessa disposição e de sua aplicação prática na vida deriva somente disso, ou seja, de que o homem não pode na sua vida, de maneira alguma, conseguir a felicidade plena, nem evitar uma continua infelicidade. Caso a ele fosse possível escapar desse destino, certamente não seria útil, nem mesmo racional abster-se de buscar tais coisas. Ora, não podendo obtê-las, é próprio dos espíritos grandes e fortes obstinar-se em nada mais que desejá-las e buscá-las ansiosamente; opor-se à necessidade, ao menos dentro de si mesmo e fazer guerra feroz e mortal ao destino, assim como, em Ésquilo, os sete fizeram em Tebas, ou como fizeram outros homens

¹Freddezza d'anima. Referindo-se à alma daquele que é imune às paixões advindas da irracionalidade.

Quinalia, Rineu

Leopardi: Preâmbulo de vulgarização ao Manual de Epicteto

magnânimos daqueles tempos antigos. É próprio dos espíritos fracos por natureza ou debilitados pelo intercurso com os males, bem como da consciência da natural e irreparável imbecilidade dos viventes, ceder ou conformar-se com a fortuna e o acaso ou limitar-se a desejar pouco. Ou melhor, por assim dizer, a perda quase de todo o hábito e toda a faculdade tanto de esperar como de desejar. Aquele estado de inimizade e de guerra com um poder incomparavelmente maior que o humano e invencível é, por um lado, infrutífero e, por outro, pleno de perturbações, de tormento, de angustia e de gravíssima e continua miséria. Aquele estado de paz, quase de submissão d'alma e de serena servidão, embora nada tenha de generoso, é também conforme à razão, conveniente para com a natureza mortal e livre de uma grandessíssima parte das moléstias, dos afãs e das dores dos quais sofre nossa pobre vida atribulada, uma vez que os homens não possuem outra via para obter verdadeiramente aquela melhor condição de vida e aquela única felicidade que se pode encontrar no mundo senão esta única: renunciar, por assim dizer, à felicidade, e abster-se, na medida do possível, de fugir de seu contrário. Ora, o não cuidar das coisas externas, prescrito por Epiteto e por outros estoicos, vem confirmar justamente isso: não se preocupar com a beatitude, nem fugir da infelicidade. Tal ensinamento, que é, por assim dizer, aquele de dever amar a si mesmo ao máximo, sem ardor e sem ternura, constitui, na verdade, o ápice e o núcleo da filosofia de Epiteto e, sim, também de toda a sabedoria humana, no sentido de que ela visa o bem-estar do espírito de cada um em particular. E eu, que, após muitos tormentos d'alma e muitas angústias, fui levado, quase contra a minha vontade, a praticar habitualmente estes ensinamentos, fui apresentado às práticas que emergem deles e apresento sua incrível utilidade. Desejo e peço calorosamente a todos aqueles que lerão estas palavras a faculdade de pôr em execução este manual.

O texto tem grande relevância filosófica, pois nele Leopardi responde às críticas do jansenista Pascal à “arrogância de Epicteto”, tal como nos são relatadas no *Colóquio com o Senhor de Saci sobre Epicteto e Montaigne*.

Quinalia, Rineu

Leopardi: Preâmbulo de vulgarização ao Manual de Epicteto

PREAMBOLO DEL VOLGARIZZATORE

Non poche sentenze verissime, diverse considerazioni sottili, molti precetti e ricordi sommamente utili, oltre una grata semplicità e dimestichezza del dire, fanno assai prezioso e caro questo libricciuolo. Io per verità sono di opinione che la pratica filosofica che qui s'insegna, sia, se non sola tra le altre, almeno più delle altre profittevole nell'uso della vita umana, più accomodata all'uomo, e specialmente agli animi di natura o d'abito non eroici, né molto forti, ma temperati e forniti di mediocre forza, o vero eziandio deboli, e però agli uomini moderni ancora più che agli antichi.

So bene che a questo mio giudizio è contraria la estimazione universale, reputandosi comunemente che l'esercizio della filosofia stoica non si confaccia, e non sia pure eziandio possibile, se non solamente agli spiriti virili e gagliardi oltre misura. Laddove in sostanza a me pare che il principio e la ragione di tale filosofia, e particolarmente di quella di Epitteto, non istieno già, come si dice, nella considerazione della forza, ma sì bene della debolezza dell'uomo; e similmente che l'uso e la utilità di detta filosofia si appartengano più propriamente a questa che a quella qualità umana.

Perocché non altro è quella tranquillità dell'animo voluta da Epitteto sopra ogni cosa, e quello stato libero da passione, e quel non darsi pensiero delle cose esterne, se non ciò che noi chiamiamo freddezza d'animo, e noncuranza, o vogliasi indifferenza. Ora l'utilità di questa disposizione, e della pratica di essa nell'uso del vivere, nasce solo da questo, che l'uomo non può nella sua vita per modo alcuno né conseguir la beatitudine né schivare una continua infelicità. Che se a lui fosse possibile di pervenire a questi fini, certo non sarebbe utile, né anco ragionevole, di astenersi dal procacciarli. Ora non potendogli ottenere, è proprio degli spiriti grandi e forti l'ostinarsi nientedimeno in desiderarli e cercarli ansiosamente, il contrastare, almeno dentro se medesimi, alla necessità, e far guerra feroce e mortale al destino, come i sette a Tebe di Eschilo, e come gli altri magnanimi degli antichi tempi.

Quinalia, Rineu

Leopardi: Preâmbulo de vulgarização ao Manual de Epicteto

Proprio degli spiriti deboli di natura, o debilitati dall'uso dei mali e dalla cognizione dell'imbecillità naturale e irreparabile dei viventi, si è il cedere e conformarsi alla fortuna e al fato, il ridursi a desiderare solamente poco, e questo poco ancora rimessamente; anzi, per così dire, il perdere quasi del tutto l'abito e la facoltà, siccome di sperare, così di desiderare. E dove che quello stato di inimicizia e di guerra con un potere incomparabilmente maggior dell'umano e non mai vincibile, dall'un lato non può avere alcun frutto, e dall'altro lato è pieno di perturbazione, di travaglio, d'angoscia e di miseria gravissima e continua; per lo contrario questo altro stato di pace, e quasi di soggezione dell'animo, e di servitù tranquilla, quantunque niente abbia di generoso, è pur conforme a ragione, conveniente alla natura mortale, e libero da una grandissima parte delle molestie, degli affanni e dei dolori di che la vita nostra suole essere tribolata.

Imperocché veramente a ottenere quella miglior condizione di vita e quella sola felicità che si può ritrovare al mondo, non hanno gli uomini finalmente altra via se non questa una, di rinunciare, per così dir, la felicità, ed astenersi quanto è possibile dalla fuga del suo contrario. Ora la noncuranza delle cose di fuori, ingiunta da Epitteto e dagli altri Stoici, viene a dir questo appunto, cioè non curarsi di essere beato né fuggire di essere infelice. Il quale insegnamento, che è come dire di dovere amar se medesimo con quanto si possa manco di ardore e di tenerezza, si è in verità la cima e la somma, sì della filosofia di Epitteto, e si ancora di tutta la sapienza umana, in quanto ella appartiene al ben essere dello spirito di ciascuno in particolare. Ed io, che dopo molti travagli dell'animo e molte angosce, ridotto quasi mal mio grado a praticare per abito il predetto insegnamento, ho riportato di così fatta pratica e tuttavia riporto una utilità incredibile, desidero e prego caldamente a tutti quelli che leggeranno queste carte, la facoltà di porlo medesimamente ad esecuzione.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAISE PASCAL. Colóquio com o Senhor de Saci sobre Epicteto e Montaigne. Trad. Jaimir Conte. IN: Princípios, Natal, vol. 12, n. 17-18, jan./dez. 2005, p.183-204.
- GIACOMO LEOPARDI. *Tutte le opere*, con introduzione di Walter Binni, con la collaborazione di Enrico Ghidetti, vol. I. Firenze: Sansoni editore, 1969.